

UM CERTO AR DE FAMÍLIA...



Estevão C. de Rezende Martins

A professora Ellen F. Woortmann, do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília, entrega aos leitores, com seu livro [*Herdeiros, parentes e compadres*. São Paulo — Brasília: Hucitec — Editora Universidade de Brasília, 1995, 336 p.], um documento de qualidade densa, quanto ao conteúdo, e agradável, no ato de ler. Desenvolve-se, ao longo de suas páginas, uma amável sensação de familiaridade, uma intimidade cúmplice, como numa boa conversa de fim de tarde, no alpendre da história, contemplando o espriar, no tempo, de uma imensa família. Para quem exerce sua atividade no território das ciências humanas e sociais, este texto de uma antropóloga traz, para o plano da interdisciplinaridade, o mesmo romance de primos e primas que faz da filosofia, da antropologia e da história parentas, “sem exclusão dos demais primos, perfilados todos à espera de chamada, se a vida muda”, para lembrar o feliz intróito escolhido pela autora, ao recorrer ao poeta de Itabira. Ellen Woortmann apresenta rigor acadêmico digno de nota, típico de um trabalho submetido ao crivo do doutoramento. A autora navega com segurança no campo da teoria antropológica, demonstrando conhecimento de causa — como bem o destaca o apresentador Roque Laraia (p. 14) — e independência crítica. Essa louvável autonomia científica aparece logo nas primeiras linhas, com o emprego seguro, conquanto despretensioso, da primeira pessoa do singular, na Introdução. A unidade familiar como fundamento da identidade social dos grupos estudados constitui, para a autora, uma chave interpretativa profícua para o entendimento “da reprodução camponesa, de geração a geração, através das rela-

ções de parentesco" (p. 16).

O percurso pessoal que a Introdução descreve e o itinerário científico que anuncia evidenciam, com felicidade, a relação bem-sucedida entre a experiência particular, a perspectiva histórica e a pesquisa empírica de campo, sem amálgama. Pelo contrário, "Dona Maria dos cabelos de milho", como a loura pesquisadora gaúcha foi 'renomeada' pelo patriarca nordestino, após lograr aceitação no rito de passagem da 'sala das visitas' à 'cozinha' em Lagoa da Mata, soube transformar sua experiência pessoal em privilegiado ponto de observação simultaneamente engajado e sobranceiro. O *outro* surgiu como espelho do eu e a dialética do plural adquiriu a extraordinária riqueza da identidade de raiz. Ao terminar *Herdeiros, parentes e compadres*, o leitor bem justificadamente verá que o sertanejo nordestino e o colono gaúcho são, de certa forma, 'dois irmãos', emergentes, pela análise, de uma "matriz camponesa única" (p. 25), cujos "história e ... mitos; ... categorias de parentesco; ... padrões de casamento e herança; ... compadrio e ... nominação são muitíssimo semelhantes" (p. 24).

As três partes do livro demonstram um raro equilíbrio entre a discussão teórica e a presença imponente do dado empírico. E, ademais, o entremear-se de ambos. As teorias do campesinato e as do parentesco são abordadas na primeira parte (pp. 29-93) com o cuidado de se articularem, criticamente, com as duas partes subseqüentes. Dá-se, assim, o quadro instrumental indispensável tanto ao trabalho científico (domínio dos fundamentos da disciplina praticada) quanto à referência do leitor (aplicação do aparato teórico aos dados empíricos e, sobretudo, ajuste daquele em função da realidade destes).

As segunda e terceira partes (pp. 97-214 e 217-310) tratam, simétrica e aparentadamente, dos colonos do Sul e dos sitiantes do Nordeste. As peculiaridades e as diferenças de uns e

de outros servem à autora de lição de vida e de aprendizado científico. Estruturas familiares, crenças religiosas, endogamia ou exogamia, o papel da mulher, a estrutura de poder e de propriedade, a transmissão patrilinear da autoridade e a questão da reprodução no microcosmos camponês perpassam sistematicamente as análises apresentadas. As duas partes têm composição paralela: os primeiros capítulos introduzem os personagens: colonos do Sul, sitiantes do Nordeste (pp. 97-100 e 217-218). Os segundos montam o palco das ações, em perspectiva diacrônica e sincrônica: a imigração [para o Brasil, embora a autora situe seu olhar desde a Alemanha, de onde provinham os colonos, utilizando, assim, a expressão 'emigração'] e as colônias, para o Sul, e a história dos conflitos entre sitiantes e pecuaristas, para o Nordeste (pp. 101-128 e 219-240). Nos terceiros capítulos mergulhamos no íntimo da organização da *gente*, e em suas ramificações: árvore, sangue, casa e núcleo (*Keim*), na colônia sulista, a descendência e o lugar, para o sertanejo (pp. 129-156 e 241-256). Os quartos capítulos nos fazem descobrir a importância da propriedade da terra e de sua transmissão como eixo aglutinador da formação social da(s) família(s) e de sua reprodução (pp. 157-198 e 257-284). Os quintos capítulos guiam-nos pelo multifacetado emaranhado das relações de parentes de sangue e de parentes 'de idéia', para usar uma expressão corrente no interior de São Paulo e na prática da história das mentalidades: compadres, padrinhos e nomes estabelecem um padrão próprio de correlação e de dependência entre os sujeitos da vida social uni- ou multifamiliar vinculada à terra física ou à terra pensada (pp. 199-214 e 285-310). As relações sociais estruturais são analisadas a partir das categorias de força e de fraqueza na organização familiar e na sua reprodução. A constituição dos segmentos fortes é praticada de forma sistemática e tendente à preservação da fonte de riqueza e poder (terra e educação – esta pela via feminina), associada à nominação patriarcal predomi-

nante como identificadora da linhagem. Os diagramas relacionais ilustram com clareza plástica as descrições e análises do texto.

A conclusão (pp. 311-325) colhe o ramalhete de uma síntese sólida dos conhecimentos obtidos acerca da família e de sua hierarquia no processo de reprodução social, cultural e econômica das unidades pesquisadas. O sentimento de pertencer a uma estrutura fortemente organizada rege os laços relacionais e os direitos de ser na rede plurilinear das comunidades. A identidade subjetiva é produto do sistema referencial da 'família' em sentido amplo, situando-se cada um com relação ao todo e somente com relação a ele. O 'meio ambiente' cultural em que existem as unidades sociais aparentadas à família da tradição cristã do Ocidente encerra componentes admiráveis da mí(s)tica da interdependência de cada indivíduo para com o binômio sangue — solo pelo qual se definem ou, no mais das vezes, aliás, são definidos. A prudência com que a autora encerra sua conclusão é merecedora de elogio. Ausente a presunção de esgotar-se o tema, tem-se, todavia, o evidente ganho de termos trilhado sendas enriquecedoras da construção dos assim chamados 'espaços de memória', nos quais adquirem realidade virtual conceitos, crenças, parentescos, débitos, respeitos, inter-relações, enfim, o mapeamento histórico-crítico do emaranhado das relações sociais efetivas cujo fio se segue no texto de Ellen Woortmann. Ao fechá-lo, tem-se a nítida impressão — como se disse ao início — de certa afinidade com os atores dessa cena familiar e de um suave compadrio com a autora. Ecoa, como incentivo à pesquisa de outros profissionais, uma proposta clássica da missão da história, no dizer de Droysen: compreender, pesquisando (*forschend zu verstehen*). Foi justamente esse o caminho percorrido pela autora, com clareza tanto em seus resultados empíricos como no balanço da bibliografia pertinente. Bom motivo-guia, encarnado na existência própria de quem o segue, e que, afinal, se torna vínculo de entusiasmo e afeto, confirmando o bem-fun-

dado do jogo de palavras alemão: um *Leitmotiv* tem por base um *Leibmotiv* e por resultado um *Liebmotiv* (p. 24).

